

JASON MATTHEWS

TRAIÇÃO

Red Sparrow

Traduzido do inglês por
Elsa T. S. Vieira

1.

Com doze horas de RDV em cima, Nathaniel Nash estava dormente da cintura para baixo. Os pés e pernas pareciam madeira a bater no empedrado das ruas de Moscovo. Há muito que anoitecera, desde que tinha iniciado a rota de deteção de vigilância pensada para espicaçar o sistema de vigilância, para o forçar até ao limite, para provocar os vigilantes a ponto de se revelarem. Mas, nada, nem sinal de unidades a circular ou a rebentarem nas esquinas atrás de si, nenhuma reação aos seus movimentos. Estaria invisível? Ou estaria a ser enganado por uma equipa gigantesca? Segundo as regras do Jogo, não ver a cobertura era pior do que confirmar que se estava cheio de carraças.

Era princípio de setembro, mas nevara entre a primeira e a terceira hora da RDV, o que tinha ajudado a encobrir a fuga. No final dessa manhã, Nate saltou de um Lada Combi em andamento, que Leavitt conduzia desde a Antena. Quando viraram numa esquina para a zona industrial, Leavitt calculou a distância e levantou três dedos em silêncio, depois tocou no braço de Nate. A equipa de vigilância do FSB, o Serviço Federal de Segurança, não apanhou aqueles três segundos e passou por Nate, escondido atrás de um monte de neve, enquanto Leavitt os despistava noutra direção. No carro ficou o telemóvel suplente do Departamento Económico da embaixada – o FSB que seguisse o aparelho à vontade através das antenas de telefone móveis de Moscovo nas três horas que se seguiriam. Nate tinha batido com o joelho no chão quando saltou do carro – ficou-lhe a doer, mas agora estava tão dormente quanto o resto do corpo. Enquanto a noite caía, caminhou por metade de Moscovo, trepou, correu e galgou, mas sem detetar qualquer vigilância. Parecia que estava safo.

Nate era um dos poucos agentes de «operações internas» da CIA, treinados para agir em território inimigo. Quando estava em missão

nas ruas do inimigo, não havia dúvidas, nem momentos de introspecção. O tão familiar medo de falhar, de não ser o melhor, desaparecia. Esta noite estava a mil à hora, a funcionar bem. *Ignora o frio que te aperta o peito com força. Não saias da bolha sensorial, deixa-a expandir-se sob o stress.* A sua visão estava aguçada. *Concentra-te na média distância, procura peões e veículos que se repitam. Anota cores e formas. Chapéus, casas, automóveis.* Sem pensar, registou os sons da cidade que escurecia à sua volta. O zumbido dos elétricos que passavam ligados aos cabos suspensos, o sibilar de pneus na estrada molhada, o estalar do pó de carvão sob os seus pés. Sentiu no ar os vapores amargos do gasóleo e do carvão a arder e, de alguma saída de ar que não era visível, o aroma de sopa de beterraba ao lume. Ele era um diapásão a vibrar no ar gelado, tenso e preparado, mas estranhamente calmo. Ao fim de doze horas, tinha a certeza: estava invisível.

Controlo de tempo: 2217. Nate Nash, de vinte e sete anos, estava a dois minutos de se encontrar com a lenda, a joia da coroa, o mais valioso trunfo da coudelaria da CIA. Apenas trezentos metros o separavam da rua sossegada onde se encontraria com MÁRMORE: sofisticado, urbano, na casa dos sessenta, major-general do SVR, o Serviço de Informações Externas da Rússia, a agência sucessora da Primeira Direção-Geral do KGB, ou seja os espões do Kremlin fora do país. MÁRMORE trabalhava com eles há catorze anos, um período considerável, tendo em conta que as fontes russas durante a Guerra Fria sobreviviam, em média, dezoito meses. As fotografias desfocadas dos agentes perdidos passaram pelos olhos de Nate enquanto examinava a rua: Penkovsky, Motorin, Tolkachev, Polyakov, e todos os outros, todos desaparecidos. *Mas este não, não no meu turno.* Não falharia.

MÁRMORE era agora chefe do Departamento das Américas no SVR, uma posição de difícil acesso, mas pertencia à velha escola do KGB, conquistara as suas esporas (e a estrela de general) durante uma carreira no estrangeiro, espetacular não só pelos seus triunfos operacionais mas também porque MÁRMORE sobrevivera às purgas e reformas e lutas de poder internas. Ele não tinha ilusões quanto à natureza do sistema que servia e acabara por desprezar a farsa, mas era profissional e leal.

Aos quarenta anos, já coronel e a prestar serviço em Nova Iorque, o Centro não o autorizou a levar a mulher a um oncologista americano, uma exibição irrefletida da intransigência soviética, e ela morreu numa maca no corredor de um hospital de Moscovo. MÁRMORE demorou ainda oito anos a decidir-se, a preparar uma forma segura de abordar os americanos, a voluntariar-se.

Depois de se tornar um espião estrangeiro – um informador, no léxico dos Serviços Secretos – MÁRMORE, tranquilamente e com uma elegância requintada, falara com os responsáveis pelo seu caso na CIA – os seus contactos – e pedira desculpa, humildemente, pelas escasas informações que tinha para dar. Em Langley ficaram estupefactos. Ele facultava-lhes informações de valor incalculável sobre as operações do KGB e do SVR, sobre infiltrações em governos estrangeiros e, por vezes, quando conseguia, as joias da coroa – os nomes dos americanos que espiavam para a Rússia. Ele era um trunfo invulgar e valioso.

2218. Nate dobrou a esquina e começou a percorrer a rua estreita, com prédios de apartamentos de ambos os lados, algumas árvores a intervalos regulares no passeio desnivelado, agora nuas e cobertas de neve. No extremo oposto da rua, delineada pela luz do cruzamento, uma figura familiar virou a esquina e começou a caminhar em direção a ele. O velho era um profissional: conseguira acertar no intervalo de quatro minutos.

A fadiga de Nate dissipou-se e sentiu-se empolgado. À medida que MÁRMORE se aproximava, Nate perscrutou automaticamente a rua deserta, em busca de anomalias. *Não há carros. Olha para cima. Janelas todas fechadas, apartamentos às escuras. Olha para trás. As transversais estão calmas. Estuda as sombras. Não há varredores de ruas, não há vagabundos.* Bastava um erro, apesar de todas as horas de RDV, de todas as manobras de provocação, do tempo passado à espera e a observar na neve e ao frio, um único erro teria um resultado inevitável – a morte de MÁRMORE. Para Nate, mais do que a perda de uma fonte de informações ou o início de um incidente diplomático, isso significava a morte deste homem. Nate não falharia.

MÁRMORE avançou com passo indolente. Já se tinham encontrado duas vezes. A CIA tinha atribuído a MÁRMORE uma série de contactos

– e MÁRMORE formara cada um deles. Alguns tinham mostrado talento. Noutros, MÁRMORE pressentira uma estupidez galopante. E um ou dois manifestavam uma *langueur* aterradora, um desinteresse potencialmente fatal em serem profissionais. Nate era diferente, interessante. Havia nele qualquer coisa, uma intensidade, uma concentração, uma agressividade no querer fazer bem feito. Um pouco inexperiente – um pouco compulsivo, na opinião de MÁRMORE –, mas poucos tinham esta chama, e MÁRMORE aprovava.

Os olhos de MÁRMORE semicerraram-se de prazer ao ver o jovem americano. Nate era de estatura média, magro, com cabelo preto liso, um nariz direito e olhos castanhos que estavam sempre em movimento, perscrutando por cima do ombro do homem mais velho à medida que ele se aproximava, vigilantes mas não nervosos.

– Boa-noite, Nathaniel – disse MÁRMORE. Tinha um leve sotaque britânico adquirido durante o seu destacamento em Londres, atenuado pelo tempo passado em Nova Iorque. Usara o inglês por impulso, para estar mais próximo do seu contacto, apesar de Nate falar russo quase fluentemente. MÁRMORE era baixo e entroncado, com olhos castanhos profundos, separados por um nariz largo. Tinha sobrancelhas brancas hirsutas, a condizer com o cabelo branco e ondulado, o que lhe dava uma aparência elegante.

Deviam usar nomes de código, mas isso era ridículo. MÁRMORE tinha acesso à lista de funcionários diplomáticos estrangeiros do SVR e sabia perfeitamente como Nate se chamava.

– É um prazer vê-lo. Está tudo bem? – MÁRMORE olhou atentamente para o rosto de Nate. – Está cansado? Quantas horas foram esta noite? – As perguntas de MÁRMORE eram corteses, mas queria mesmo saber. Nunca desvalorizava nada.

– *Dobryj vecher, dyadya* – disse Nate. Começara a usar a expressão familiar «tio», em parte para mostrar respeito, em parte como uma demonstração de verdadeiro afeto. Olhou para o relógio. – Doze horas. A rua parece solta. – Uma gíria que ambos compreendiam, e Nate sabia que MÁRMORE estava a perguntar para saber até que ponto a sua RDV fora minuciosa.

MÁRMORE não fez comentários. Os dois começaram a caminhar lado a lado, nas sombras lançadas pelas árvores no passeio. O ar estava frio, mas não havia vento. Tinham aproximadamente sete minutos para esta reunião.

Nate deixou a maior parte das despesas da conversa por conta de MÁRMORE, e escutou atentamente. O homem mais velho falou rapidamente mas sem pressa, uma mistura de mexericos e políticas sobre o seu serviço, quem estava em cima, quem estava em baixo. O resumo de uma nova operação, um recrutamento bem-sucedido do SVR num país estrangeiro. Os detalhes estariam nos discos. Isto era tanto uma conversa entre dois seres humanos como a apresentação de um relatório. Os sons das suas vozes, o contacto visual, o riso grave de MÁRMORE. Era esse o objetivo.

Enquanto caminhavam, ambos resistiram ao impulso natural de o fazerem de braço dado, como pai e filho. Ambos sabiam que não podia haver qualquer contacto físico, uma necessidade amarga, por medo de contaminação com *metka*, pó de espião. O próprio MÁRMORE os informara sobre o programa secreto para polinizar aqueles que eram suspeitos de serem agentes da CIA na Embaixada dos EUA em Moscovo. O composto químico nitrofenolpentadienil, NFPD, era um pó amarelo e fino. Técnicos russos, com marcas de borbulhas no rosto, espremiavam as ampolas de borracha e o pó era salpicado sobre roupas, tapetes, volantes. O NFPD era concebido para se espalhar como o pólen peganhento de um narciso, de um aperto de mão para um papel, para a lapela de um casaco. Marcaria de forma invisível tudo aquilo em que os agentes americanos da CIA tocassem. Assim, se um funcionário russo sob suspeita tivesse fluorescência de NFPD nas mãos, nas roupas ou no mata-borrão da secretária, estava condenado. MÁRMORE traumatizara ainda mais Langley ao informar, em seguida, que os vários lotes de *metka* estavam marcados com compostos distintos, para ser possível identificar especificamente o anfitrião americano.

Enquanto andavam e falavam, Nate enfiou a mão no bolso e tirou um saco de plástico selado. Baterias novas para o equipamento secreto de comunicação de MÁRMORE: três maços de cigarros cinzentos, invulgarmente pesados. Usavam o aparelho para transmitir notícias

urgentes e para manter o contacto nos hiatos entre os encontros pessoais. No entanto, estes breves encontros, mortalmente arriscados, eram infinitamente mais produtivos. Era neles que MÁRMORE passava toneladas de informação em discos ou *drives*, e que se reabasteciam equipamentos e rublos. E havia ainda o contacto humano, a oportunidade de trocar algumas palavras, tempo para renovar esta aliança quase religiosa.

Nate abriu cautelosamente o saco de plástico e passou-o a MÁRMORE. Este enfiou a mão e retirou o pacote de baterias, que fora embalado num laboratório esterilizado na Virgínia. Depois MÁRMORE deixou cair dois discos dentro do saco.

– Calculo que haja cerca de cinco metros lineares de ficheiros nesses discos – afirmou. – Com os meus cumprimentos.

Nate reparou que o velho espião ainda pensava em termos de medidas lineares de ficheiros, apesar de estar a roubar segredos digitais.

– Obrigado. Incluiu o resumo? – Os tipos do serviço de informações tinham implorado a Nate para lembrar MÁRMORE de incluir um resumo do conteúdo, de modo a poderem organizar as prioridades de tradução e processamento dos relatórios em bruto.

– Sim, desta vez lembrei-me. Incluí também um novo diretório do serviço no segundo disco. Algumas alterações de pessoal, nada de muito extraordinário. E um calendário dos meus planos de viagens ao estrangeiro para o próximo ano. Estou à procura de razões operacionais para viajar. Incluí os detalhes – informou, indicando o disco no saco com um aceno de cabeça.

– Será um prazer vê-lo fora de Moscovo – disse Nate –, quando puder. – O tempo estava a passar e já tinham atingido o fim da rua, dado meia-volta, e estavam a caminhar lentamente em sentido oposto.

MÁRMORE ficou pensativo.

– Sabe, tenho andado a pensar na minha carreira, na relação com os meus amigos americanos, na vida que tenho pela frente – disse. – Provavelmente ainda faltam alguns anos para me reformar. Política, velhice, um erro impensável. Talvez três ou quatro, talvez dois anos. Por vezes, penso que seria agradável passar a reforma na cidade de Nova Iorque. O que acha disso, Nathaniel? – Nate parou e virou-se para ele.

O que era isto? O zumbido da rua dissipou-se. O seu informador estaria em risco? MÁRMORE ergueu a mão como se fosse apertar o braço de Nate, mas parou antes disso. – Não se assuste, por favor, estou apenas a pensar em voz alta. – Nate olhou de lado para MÁRMORE: o velho estava confiante, calmo. Era natural um espião pensar em reformar-se, sonhar com o fim do perigo e da vida dupla, com parar de ter medo de quem bate à porta. A Vida acaba por causar grande fadiga, o que leva a erros. Seria fadiga que ouvia na voz de MÁRMORE? Nate teria de relatar cuidadosamente todas as *nuances* desta conversa no seu telegrama do dia seguinte. Inexoravelmente, os problemas de um informador repercutiam-se sempre no agente de contacto, problemas de que ele não precisava.

– Passa-se alguma coisa, um problema de segurança? – perguntou Nate. – Sabe que tem a sua conta bancária à espera. Pode retirar-se para onde quiser. Terá o nosso apoio incondicional.

– Não, está tudo bem. Temos mais trabalho a fazer. Depois podemos descansar – declarou MÁRMORE.

– É uma honra trabalhar consigo – disse Nate, e estava a ser sincero. – O seu contributo é incomensurável. – O homem mais velho olhou para o passeio enquanto avançavam pela rua escura. O encontro já ia nos seis minutos. Estava na altura de se separarem.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou Nate. Fechou os olhos e concentrou-se. As baterias tinham sido passadas, os discos recebidos, o resumo incluído, o calendário das viagens ao estrangeiro. A única coisa que faltava era marcar o próximo encontro em pessoa, para daí a três meses.

– Voltamos a encontrar-nos daqui a três meses? – perguntou Nate. – Será o pino do inverno nessa altura, dezembro. O novo local, ÁGUIA, perto do rio?

– Sim, claro – concordou MÁRMORE. – *Orel*. Eu confirmarei por mensagem uma semana antes. – Estavam a aproximar-se de novo do fim da rua, a caminhar lentamente na direção das luzes mais fortes do cruzamento. Um sinal de néon indicava a entrada de uma estação de metropolitano do outro lado da rua. Nate sentiu, de súbito, uma vaga de alarme.

Um velho Lada atravessou lentamente o cruzamento, com dois homens no banco da frente. Nate e MÁRMORE encostaram-se à parede de um prédio, ocultos pelas sombras. MÁRMORE também vira o carro, e o veterano era tão profissional nas ruas como o seu jovem contacto. Outro carro, um Opel mais recente, passou no sentido oposto. Os dois homens no seu interior estavam a olhar para o outro lado. Nate olhou para trás e viu um terceiro carro a virar lentamente para a rua onde se encontravam. Vinha apenas com os mínimos ligados.

– É uma busca de rotina – sussurrou MÁRMORE. – Não estacionou nenhum veículo nas imediações, pois não?

Nate fez que não com a cabeça. Não, não, merda, não. Tinha o coração aos saltos. Ia ser por um fio. Olhou de relance para MÁRMORE e depois os dois moveram-se como um só. Esquecendo o pó de espiao, esquecendo tudo o resto, Nate ajudou MÁRMORE a despir o sobretudo escuro e virou-o do avesso enquanto o puxava pelas mangas, transformando-o num casaco de cor mais clara e de corte diferente, sujo e esgaçado nas mangas e na bainha. Nate ajudou MÁRMORE a vesti-lo. Depois enfiou a mão num bolso interior e tirou um chapéu de pelo comido pelas traças – parte do seu próprio disfarce – que enfiou na cabeça descoberta de MÁRMORE. Este, por sua vez, retirou do bolso da frente um par de óculos de armações grossas, com uma das hastes presa com fita adesiva branca, e colocou-os na cara. Nate enfiou a mão noutro bolso e tirou um pequeno pau que sacudiu ligeiramente. Um cordão elástico dentro do tubo oco uniu as três partes para criar uma bengala, que colocou na mão de MÁRMORE.

O moscovita de meia-idade desaparecera, substituído em oito segundos por um velho pensionista enferrujado, com um casaco de pano barato, a caminhar a passo vacilante e com a ajuda de uma bengala. Nate empurrou-o suavemente na direção do cruzamento e da estação de metropolitano. Esta ação desafiava o catecismo. Era perigoso usar o metropolitano, ficar encurralado no subsolo, mas se MÁRMORE conseguisse afastar-se da área, valeria a pena correr o risco. O seu disfarce teria de ser suficiente contra as múltiplas câmaras de vigilância nas plataformas.

– Eu afasto-os daqui – disse Nate, enquanto MÁRMORE se inclinava e começava a avançar em direção ao cruzamento a passo arrastado. O velho espião olhou para ele, com ar sério mas calmo, e piscou-lhe o olho. *Este tipo é uma lenda*, pensou Nate. Mas agora a sua única prioridade era distrair os carros de vigilância e fazer com que convergissem sobre ele, e para longe de MÁRMORE. No entanto, não podia deixar-se apanhar. Os discos de MÁRMORE que tinha no bolso significavam a morte do veterano, tão certo como se ele fosse apanhado pela vigilância.

Não no seu turno. O ardor gelado apanhou-lhe a cabeça e a garganta. Tinha a gola do casaco levantada e estava determinado. Atravessou com rapidez em frente do carro de vigilância que subia lentamente a rua, a meio quarteirão de distância. Devia pertencer ao FSB, os homens que tratavam da espionagem interna dentro da Federação Russa. O seu território.

O motor de 1200cc do Lada gritou e ele foi apanhado no reflexo das luzes dos faróis na rua molhada. Correu para o quarteirão seguinte, escondeu-se nas escadas de uma cave, que tresandavam a urina e a vodka, e atrás de si ouviu o som de pneus a guinchar, por isso *Espera, espera, agora move-te de novo*, a correr por becos, a atravessar como um fantasma passagens aéreas para peões, a descer escadas até ao rio. *Utiliza obstáculos, atravessa linhas de caminhos de ferro, muda de vetor e de direção assim que saíres do seu campo de visão, faz com que sigam palpites errados, passa pelo seu perímetro*. Controlo de tempo: quase duas horas.

Estava a tremer de cansaço e correu, depois andou, depois agachou-se atrás de carros estacionados, atento ao som dos motores à sua volta enquanto os carros se concentravam, depois se espalhavam, depois voltavam a juntar-se, tentando aproximar-se o suficiente para lhe verem o rosto, o suficiente para o derrubarem, de cara para baixo na rua, para lhe enfiarem as mãos nos bolsos. Conseguia ouvir a lama pisada, ouvia-os a gritarem para os seus rádios, estavam a ficar desesperados.

O seu primeiro instrutor de vigilância avisara-o: *Sentirá a rua, senhor Nash, não importa se é a Wisconsin Avenue ou a Tverskaya, sentirá a rua*, e Nate estava a senti-la, mas eles eram muitos, apesar de não saberem

exatamente onde ele estava. Pneus guincharam sobre as pedras molhadas enquanto aceleravam de um lado para o outro, e a boa notícia era que não tinham ainda informação suficiente sobre ele para saírem dos carros, e a má notícia era que o tempo estava do lado deles. Graças a Deus que estavam a fechar o cerco sobre si, o que significava que não estavam concentrados em MÁRMORE. Nate rezou para que o velho espião tivesse passado despercebido quando entrou no metropolitano e que esta operação de vigilância não tivesse recaído sobre ele desde o princípio, porque isso significaria que havia uma segunda equipa a seguir MÁRMORE neste momento. Eles não iam apanhar o seu informador – o *seu* informador – e não iam apanhar os discos de MÁRMORE, voláteis como nitroglicerina no seu bolso. Depois o chiar dos pneus afastou-se e as ruas ficaram silenciosas.

Controlo de tempo: mais de duas horas, pernas e costas cansadas, visão desfocada, e entrou num beco estreito, encostado à parede, nas sombras, na esperança de que se tivessem ido embora, a imaginar os carros amolgados a recolherem à garagem, cheios de lama, os estalidos do metal quente, enquanto o líder da equipa gritava com eles na sala de controlo. Nate não via carro nenhum há vários minutos e pensou que conseguira escapar ao perímetro da busca. Tinha recomeçado a nevar.

Mais à frente, um veículo travou com um guincho e depois fez marcha-atrás e virou para o beco, com os faróis a iluminarem a neve. Nate virou-se para a parede, tentando reduzir a sua silhueta e os contrastes, mas sabia que o deviam ter visto e, quando as luzes passaram por cima dele, o carro acelerou na sua direção. Nate observou, fascinado e incrédulo, enquanto o carro se aproximava, a porta do lado do passageiro passar a centímetros da parede e os dois rostos concentrados virados para a frente, com os limpa-para-brisas na velocidade máxima. Estes animais do FSB, será que não o viam? Depois percebeu que o viam perfeitamente, que estavam a tentar esmagá-lo contra a parede. É uma regra tácita: *as equipas de vigilância que seguem um diplomata estrangeiro nunca, mesmo nunca, exercem violência sobre um alvo*, tinham dito os instrutores, e a sério, que raio é que estes tipos estavam a fazer? Olhou para trás e viu que a entrada para o beco estava demasiado longe.

Sinta a rua, senhor Nash, e a segunda melhor opção era sentir o cano de escoamento de ferro forjado que descia pela parede do edifício a meio metro dele, com as braçadeiras de metal ferrugento presas aos tijolos, e quando o carro se precipitou sobre ele, saltou e agarrou-se ao cano, usando as junções para trepar, e o carro embateu contra a parede, despedaçando o cano, o tejadilho do carro a poucos centímetros das pernas levantadas de Nate. Com um rangido desagradável, o carro raspou na parede e parou. Tinham afogado o motor e Nate perdeu o apoio e caiu sobre o tejadilho do carro e depois no passeio. A porta do condutor estava a abrir-se, um homem grande com um chapéu felpudo estava a sair, mas eles nunca, nunca exerciam violência sobre um alvo e Nate empurrou com o ombro a porta contra a cabeça e pescoço do homem, ouviu um grito, viu um rosto contorcido de dor. Nate bateu-lhe com a porta na cabeça mais duas vezes, muito depressa, e o homem caiu para dentro do carro. A porta do passageiro estava presa contra a parede e Nate viu o outro rufia a tentar saltar por cima do banco da frente para chegar à porta de trás, por isso estava novamente na altura de fugir e Nate correu pelo beco, para as sombras, e dobrou a esquina.

Três portas mais abaixo havia uma sopa dos pobres, aberta a esta hora tardia, com as luzes a iluminarem o passeio sujo de neve. Nate conseguia ouvir o carro no beco a recuar, com o motor em altas rotações. Enfiou-se no pequeno restaurante vazio e fechou a porta. Apenas uma divisão, nada a não ser um balcão de um dos lados, com várias mesas e bancos de madeira gastos, papel de parede manchado e cortinas de renda sujas na janela. Estava uma mulher com dois dentes salientes sentada atrás do balcão, a ouvir um rádio mal sintonizado e a ler o jornal. Duas painéis de alumínio amolgadas, com sopa, fumegavam em cima dos bicos elétricos atrás dela. O aroma a cebolas cozidas enchia o espaço.

Com um esforço para impedir que as mãos lhe tremessem, Nate aproximou-se do balcão e, em russo, pediu uma tigela de sopa de beterraba, perante o olhar vazio da mulher. Sentou-se de costas para a janela e pôs-se à escuta. Um carro passou a toda a velocidade, depois outro, depois nada. Na rádio, um comediante estava a contar uma anedota:

– Krushchev visitou uma criação de porcos, onde foi fotografado. Na redação do jornal da aldeia houve uma discussão acesa sobre a legenda da fotografia. «Camarada Krushchev entre porcos»? «Camarada Krushchev e porcos»? «Porcos em volta do Camarada Krushchev»? Nenhuma servia. O editor tomou finalmente uma decisão: «Terceiro a contar da esquerda: Camarada Krushchev».

A velhota atrás do balcão riu-se.

Nate não comia nem bebia nada há mais de doze horas e começou a devorar a sopa espessa com a colher na mão trémula. A velha olhou para ele, levantou-se, contornou o balcão e dirigiu-se à porta. Nate observou-a pelo canto do olho. Ela abriu a porta e Nate sentiu a rajada de ar frio. A velha olhou para a rua, para um lado e para o outro, e depois fechou a porta. Voltou para o seu banco atrás do balcão e pegou no jornal. Quando Nate acabou a sopa e o pão, aproximou-se do balcão e contou alguns copeques. A mulher varreu as moedas para dentro de uma gaveta. Fechou a gaveta com estrondo e olhou para Nate.

– O caminho está livre – disse. – Vá com Deus.

Nate evitou olhar para ela e saiu.

Uma hora depois, encharcado em suor e a tremer de exaustão, com passo vacilante, Nate passava diante da guarita da sentinela à entrada do complexo da embaixada. Os discos de MÁRMORE estavam finalmente em segurança. Não era a forma convencional de terminar uma noite de operações, mas falhara por várias horas a recolha no carro da Antena. A sua entrada foi notada e, meia hora depois, o FSB e, instantaneamente, o SVR sabiam que fora o jovem senhor Nash, do Departamento Económico da embaixada, que estivera em paradeiro desconhecido durante a maior parte da noite. E pensavam saber porquê.

:: SOPA DE BETERRABA DA VELHOTA

Leve uma porção de manteiga a derreter numa panela grande. Junte uma cebola picada e deixe refogar até ficar translúcida. Junte três beterrabas raladas e um tomate em pedaços. Adicione caldo de carne, vinagre, açúcar,

sal e pimenta. O caldo deve ficar ácido e doce. Depois de levantar fervura, deixe em lume brando durante uma hora. Sirva quente, com uma colher de natas ácidas e endro picado.

